

A CLÍNICA AMPLIADA E SUAS POSSIBILIDADES: REFLEXÕES DA PRÁTICA CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Iana Sara Silva de Alencar¹

RESUMO: A Gestalt, enquanto abordagem conceitual e psicológica traz com cientificidade, leveza e arte, uma perspectiva amplificada de homem e de mundo, resgatando o todo existencial de cada ser e, pessoalmente, me desafia a (re) descobrir, a (re) aprender, a olhar com a noção de suficiência para o agora que me presenteia os recursos necessários para que eu seja. Mais que fundamentar à prática clínica, a GT traduz-se como uma filosofia do encontro, do contato e da responsabilidade pessoal. É nesse resgate de SER que a essência deste trabalho está constituída: A clínica ampliada e seus fenômenos contextualizados à experiência individual, especialmente, na construção das versões de sentido, entrelaçando os conceitos e toda a fundamentação teórica estudada com o aprofundamento das atividades vivenciais.

Palavras – Chave: Gestalt. Prática Clínica. Clínica Ampliada.

ABSTRACT: Gestalt, as a conceptual and psychological approach, brings with scientificity, lightness and art, an amplified perspective of man and the world, rescuing the existential whole of each being and, personally, challenges me to (re) discover, (re) learn, to look with the notion of sufficiency for the now that presents me with the necessary resources for me to be. More than just a foundation for clinical practice, GT translates into a philosophy of encounter, contact and personal responsibility. It is in this rescue of BEING that the essence of this work is constituted: The expanded clinic and its phenomena contextualized to individual experience, especially in the construction of versions of meaning, interweaving the concepts and all the theoretical foundation studied with the deepening of experiential activities.

¹ Psicóloga pela Faculdade da Amazônia Ocidental (FAAO). Especialista em Docência do Ensino Superior com ênfase em Gestão Escolar (FAAO). Atuação psicossocial (intervenções individuais, familiar, grupal e comunitária; fortalecimento de vínculos sócio-afetivos e construção de práticas coletivas). Gestalt-terapeuta (CCGT – Belém). Docente (ESTÁCIO UNIMETA –Centro Universitário). E-mail: iana.sara.psy@gmail.com.

Keywords: Gestalt. Clinical Practice. Extended Clinic.

INTRODUÇÃO

Percorrer o caminho da prática clínica, para mim, comunica *a priori* de um lugar onde me sinto conectada e pertencida, correspondendo, sobretudo, à transcendência pessoal adquirida a cada passo possível nesse trajeto. Considerando a potência mobilizadora e enriquecida de sentidos dessa atuação, resgato também os progressos culturais consideravelmente resultantes no campo epistemológico e científico, a partir da vivência dual do processo terapêutico.

Assim, o compromisso com o cuidado voltado à vivência subjetiva e reveladora de sentidos do ser que se apresenta, é por essência, fundamental. Silva, (2001), afirma que cuidar é acolher o sujeito que busca neste habitat do psicólogo, uma clínica de transformação. Este modelo interventivo encontra-se indissociável aos diversos contextos sociais, alcançando quaisquer demandas e lugares, a fim de sair da prática individualizada e/ou privada, para responder às novas compreensões de realidade social. Nesse sentido, Figueiredo (1996), afirma que a clínica psicológica se caracteriza não pelo local em que se realiza - o consultório -, mas pela qualidade da escuta e da acolhida que se oferece ao sujeito.

Eis aí o fazer significativo da Clínica Ampliada, reafirmando uma atuação ética, pautada na importância da preservação do outro e na responsabilidade conceitual e moral do exercício da profissão, para além dos recursos espaciais (tempo-lugar-estrutura). “Em todas essas situações, o atuante precisa se questionar acerca do seu fazer, do papel das instituições públicas [...] A ele compete oferecer oportunidades para o crescimento do indivíduo [...] e estabelecer novos vínculos sociais” (PASSOS, 2007. p. 63).

Perceber o funcionamento do processo dialógico na prática clínica, em referência à clínica ampliada na amplitude gestáltica é um viés que me mobiliza frente ao que foi aprendido no período de estudo modular, atravessando o mar de possibilidades que a abordagem disponibiliza, colaborando para a consciência de que

tudo é parte de um contexto maior, palpável ou não; observável ou não; contudo, existente e norteador de ações e pensamentos. E são esses pressupostos que me auxiliam na percepção da unicidade que cada pessoa e situação evocam no campo em que se constituem, resgatando uma maior compreensão da minha própria complexidade, onde existencialmente afeto e sou afetada em relação aos fenômenos apresentados, a fim de que eu me conecte autenticamente com os recursos disponibilizados para minha regulação.

Uma gestalt é percebida como totalidade, mas ainda é possível identificar fatores de organização interna: alguma figura da gestalt se destaca em um fundo. Há sempre um elemento em evidência, isto é, que recebe, naquele instante, o foco da percepção. Esse elemento não se desintegra de sua origem nem permanece sempre em destaque. Habitualmente, figura e fundo se alternam continuamente.

O quanto de uma demanda é figura, o quanto é fundo, qual o fluxo das ressignificações e como se dão os movimentos em direção ao que se almeja como perspectiva de ajustamento, comunicam a forma como o caminho está sendo trilhado e como as necessidades emergentes estão sendo atendidas (ou não).

Desse modo, diante das leituras realizadas, percebo quão fundamental é o reconhecimento das características individuais para o estabelecimento de uma prática humana e responsável. A consciência de que esse é um processo jamais acabado, transborda a minha crença na filosofia gestáltica. É isso que dá sentido: Possibilidade, transcendência, percurso, reconhecimento das limitações, ajustamentos e construção. Essas palavras me tocaram durante o intermódulo e no estudo dos textos, mais ainda testemunhou-se o que afirmou Cardella (p. 112, 2014) de que, mediante a interação organismo-ambiente, há mudança, crescimento, atualização de ambas as partes. Segundo a autora, nesse processo chamado ajustamento criativo, a pessoa imprime sua marca, personaliza sua experiência no mundo. Essa capacidade, de acordo com a Abordagem Gestáltica, está presente em cada indivíduo. Ocorre que, em razão do contexto, os efeitos de um ajustamento podem ser funcionais ou disfuncionais. O

primeiro é apropriado e resolve a questão de modo inovador, já o segundo oferece uma resposta cristalizada, desatualizada. Consideração da humanidade que em mim habita e é manifestada dentro do princípio da intencionalidade. O contato com essa perspectiva me garante a condição de ser – inacabada e imperfeita – que também é capaz de aperfeiçoar-se com o potencial criativo e transformador intrinsecamente existente.

Sentir a prática clínica como lugar de exercício da Clínica Ampliada me possibilita olhar o processo terapêutico enriquecido de contextualização; entendendo a singularidade como suporte mobilizador do campo vivencial, sendo uma mobilização corajosa para desvendar o novo, assumindo a responsabilidade de não encontrar nele uma forma já definida e, em paralelo a essa realidade, a percepção de outras oportunidades possíveis de significados, incluindo o aprendizado no sentido de identificar e reconhecer sentimentos de pertencimento, responsabilizando-me à comodidade e ao desconforto (como polaridades) de contatar o novo.

LUTO E PERDAS: Uma compreensão fenomenológica e gestáltica da experiência vivenciada

Considerar os processos de perda durante o ciclo existencial é, sobretudo, olhar de forma acolhedora e generosa para a humanidade que em mim habita. O contato com essa possibilidade me garante a condição de ser – inacabada e imperfeita – que também é capaz de aperfeiçoar-se com o potencial criativo e transformador intrinsecamente contido na ressignificação de uma dor. Numa visão gestáltica, a percepção de quem sou nesse mundo e de que não estou separada dele, ao contrário, sou-no-universo, corresponde a mim mesma a missão de zelar pelo que este me disponibiliza, incluindo aqui a vivência do luto. E, somente com a compreensão particular dos elementos significativos desse momento, a percepção pode ser ampliada em direção ao “que fazer e como fazer” com o que ficou em mim “de quem/daquilo” que se foi.

Pessoalmente, uma das mais significativas perdas que tive em minha vida foi a morte do meu pai, quando eu tinha três anos de idade. Quando olho para os 27 anos que passaram, percebo-me consciente de não ter negado as angústias da vida em decorrência dessa falta; contudo, também consigo privilegiar as formas de beleza que emergiram dos ajustamentos criativos que encontrei e que norteiam minha visibilidade para o sentido do meu presente, apesar da ausência.

*A percepção de recursos exponenciais: vinculações suportivas, clareza na verbalização das necessidades e dos sentimentos, a utilização das habilidades inatas e o aprendizado de novas práticas, testificando que é possível ajustar criativamente o caminho mesmo quando as coisas não saem conforme o (previamente) planejado *foi/é um aprendizado que deriva de um contínuo de dias. O exercício de um olhar com credibilidade para o que ficou; entendendo a minha singularidade como fruto biológico de alguém que, enquanto eu viver, também existirá.

A mobilização corajosa para desvendar cada etapa da vida, assumindo a responsabilidade de não encontrar nela uma forma já definida e, em paralelo a realidade de uma perda, a percepção de outras oportunidades possíveis de impulso para a reconstrução. O abandono de ideias enrijecidas sobre o enfrentamento da dor ou do rumo que como eu gostaria que a vida tivesse tomado (se meu pai estivesse vivo) colaborou para eu ser genuinamente o que sou com quem ainda tenho; incluindo o enfrentamento de correr riscos: O risco de sair de uma situação que é familiar, por mais desconfortável que possa ser, “o risco de ‘não dar certo’ e, até paradoxalmente talvez, o risco de ‘dar certo’” (ORGLER in D’ACRI, LIMA, ORGLER, 2007, p. 215). Assim, compreendo que é possível reconhecer que quando a consciência e a aceitação autêntica de “quem-se-é” e “da presença ausente” no mundo acontecem, ocorre uma mudança espontânea de direcionamento. Para essa *awareness*, o contato com o que está à volta e com o ambiente devem estar suficientemente contatando as necessidades de autorregulação/autorrealização.

O aprendizado no sentido de identificar e reconhecer sentimentos de

pertencimento, responsabilizando-me à comodidade e ao desconforto (como polaridades) de contatar a dor e também o novo. O entendimento real de que a Gestalt-terapia se dá além das técnicas, reverberando como uma filosofia de vida, orientando-me para uma autêntica amplificação dos sentidos.

Diante da liberdade existencial que me é implicada, a responsabilização pelas escolhas e ações torna-se, na maioria das situações, objeto de angústia e desconforto. A partir daí, um dos caminhos mais fáceis para racionalizar a dor, por muito tempo, foi o distanciamento da dor em si, atribuindo desculpas e tentativas de responsabilização aos fatores sociais pela dificuldade de serem entendidas de forma real. A tentativa de inibição dessa consciência manteve-me numa constante imunidade diante do enfrentamento do luto, quando este se tornou possível, à medida que eu crescia e entendia com mais clareza. Portanto, assumir uma postura de negação diante de uma situação em que essencialmente se tem a possibilidade de escolher e agir, enganando e tentando esconder a verdade de si mesmo, manipulando fatores a favor dessa inibição da consciência, afastando-se cada vez mais do contato com a responsabilidade individual, traduziu parte do meu contato com o processo da perda do meu pai.

A morte do outro se configura como uma experiência de morte. É a possibilidade de experiência da morte, que não é nossa, mas que é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos laços estabelecidos. "O enlutado é um símbolo do que todo ser humano teme, porque nos reporta ao que todos terão de enfrentar, um dia" (FREITAS, 2000, p. 144).

O aprendizado gestáltico caracterizou uma movimentação existencial mais fluida: O tempo todo é preciso escolher. Isso caracteriza selecionar prioridades, atender necessidades e satisfazer vontades; o que nem sempre é uma tarefa fácil, já que, perdas e ganhos estão envolvidos. Às vezes, é mais fácil racionalizar a assumir os motivos reais que colaboraram para um caminho do que potencializar esforços para florescer. Fica em mim um eterno recriar-me! Movimentando-me a partir da vivência plena da experiência de perda, assimilando o luto como um processo inevitável, que demanda

um tempo necessário para uma resignificação natural e possível!

²Filha, um dia você vai crescer e eu não vou estar mais aqui. Por isso, quero que se lembre do que vou escrever: Cada vez que você se sentir sozinha, ou bem chateada ou triste; vá para qualquer cantinho e sente. Depois, coloque a mão em cima do seu coração – na escola, você vai aprender onde ele fica. Se você sentir alguns pulinhos é sinal de que tudo vai melhorar, que tudo vai passar e que a vida está continuando apesar de tudo. Você pode ser o que quiser se voar nas asas dos seus sonhos. E, pensando bem, eu sempre vou estar com você. (Inácio Bezerra de Alencar)

REFERÊNCIAS

FREITAS, N. K. **Luto materno e psicoterapia breve**. São Paulo: Summus, 2000.

PASSOS, E. **Ética e psicologia: teoria e prática**. São Paulo: Vetor, 2007.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985. p. 85-106.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Trad.: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, E. R. **Psicologia clínica, um novo espetáculo: dimensões éticas e políticas**. *Psicol. Cienc. Prof.* Brasília, v. 21. n. 4, dez. 2001

² Registro deixado pelo meu pai num dicionário antigo dele, com a última página registrando seu recado precioso para mim, no início do seu processo de adoecimento, que antecederia o seu falecimento. Esse trecho foi publicado no livro: *Encontros de Vidas: Histórias Gestálticas como Norte*